

DIONYSSOS

ORGAO DO SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO
DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE



ANO III - JUNHO DE 1952 - Nº 2

A POSSE DO NOVO DIRETOR DO SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

A nomeação do Sr. Aldo Calvet para diretor do Serviço Nacional de Teatro resultou de um amplo movimento da classe teatral em torno do seu nome. Esse movimento, inédito na história do S. N. T., consubstanciou-se num memorial, contendo mais de mil assinaturas das principais figuras da cena brasileira, dirigido ao Presidente Getúlio Vargas com o pedido de nomeação.

Homem de teatro, com longos anos de militância na crítica teatral, o substituto do Senhor Thiers Marins Moreira contou com vários concorrentes. A todos, porém, sobrepujou não só na reafirmação da preferência da gente do teatro, como na escolha do Presidente da República.

O Sr. Aldo Calvet, que pertence ao corpo de funcionários do S. N. T., ocupando o cargo de inspetor de teatro, foi nomeado no dia 21 de fevereiro de 1952. Empossando-o no seu novo cargo, no dia 28 do mesmo mês, o titular da pasta de Educação, Sr. Simões Lopes Filho, pronunciou, de improviso, um breve discurso, no qual disse, em resumo, o seguinte:

"Fui sempre um amigo do teatro, pois comecei a minha carreira jornalística na crítica teatral. Compreendo o papel educador do teatro e a sua alta significação no desenvolvimento cultural de um povo. Pelo teatro poder-se-á avaliar o seu grau de civilização e a sua evolução literária e artística. Daí, ao meu ver, a necessidade do Estado prestigiar e auxiliar, dentro do possível, a arte dramática em tôdas as suas modalidades e manifestações. Vejo, com muito interesse, o esforço desmedido dos autores, dos artistas e de todos os demais que agem tecnicamente para oferecer ao público um espetáculo que permaneça pela forma e pelo fundo. O novo Diretor do Serviço Nacional de Teatro, que mereceu a minha escolha e a minha confiança, é um homem de tirocinio no campo teatral, pois se dedica há vários anos à crítica teatral, onde sempre se distinguiu pela inteligência e pela competência profissional. Faço votos, portanto, para que, em sua administração, realize a pacificação da desunida família do teatro".

Em resposta, o novo diretor do Serviço Nacional de Teatro proferiu o seguinte discurso:

Senhor Ministro,
Minhas senhoras
Meus senhores.

Os homens não se pertencem. São do todo em que vivem, lutam e morrem. Saio de uma campanha que, francamente, não promovi, porque a ela fui impelido pela vontade indestrutível e eloqüente dos artistas do Brasil. A luta não me abate. Estimula-me. Como homem de jornal, habituado a êsses debates constantes em defesa do bem estar coletivo, V. Excia., Senhor Ministro, sabe perfeitamente de que são capazes os indivíduos quando entram no jogo das competições, visando meramente interesses pessoais. Eu devia, pois, esperar tudo, até mesmo atitudes irrepreensíveis de reputa moral e gestos de elegância e bela ação. Não guardo ódio, nem rancor, nem ressentimentos de ordem individualista. Não animo o menor desejo de vindita. Ao aceitar a indicação do meu nome para o alto cargo de diretor do Serviço Nacional de Teatro, em movimento espontâneo da classe teatral, cujas esperanças de êxito tinham por base a promessa do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, assumi comigo mesmo o compromisso de trabalhar honesta e sinceramente pela causa do teatro, servindo o Govêrno no seu nobre propósito de amparo à classe dos trabalhadores cênicos, e à cultura teatral do país. Estou ligado ao teatro por força de inevitável vocação que vem desde os primeiros e incertos passos da juventude. A jornada tem sido longa, espinhosa, repleta de empecilhos. Confesso, porém, que no labor dessa missão tenho deparado momentos de infinita alegria em participar humilde mas honrosamente do fenômeno da criação artística.

O Serviço Nacional de Teatro, Senhor Ministro, nestes treze anos de existência em quase nada tem contribuído para a grandeza, elevação e expansão do teatro brasileiro. Os problemas são muitos e bastante

complexos. Esses problemas se agravam dia a dia. A crise por que passa o teatro é de âmbito e extensão universal. Não é, como se possa supor, privilégio do Brasil. Lutando contra poderosos concorrentes como o cinema, o rádio e já agora a televisão, artes correlativas que dispõem dos recursos da mecânica moderna, quer em possibilidades de difusão imediata, abrangendo a um só tempo incalculável massa de espectadores de várias camadas sociais, quer nas vantagens que oferecem, especialmente as duas últimas como veículos publicitários de largo alcance, o cinema, o rádio, e a televisão se colocam vantajosamente diante do grande público, enquanto o teatro, pelo contrário, possui campo limitado de ação e está sujeito a despesas forçadas que o tornam diversão de luxo nada acessível ao povo. Acontece ainda que essas despesas tendem sempre a aumentar desde que se levem em conta o desgaste material com o decorrer do tempo e o acréscimo de salário do pessoal nos intentos expansionistas.

Como funcionário desta casa, especializado na matéria; como crítico militante em contacto diário com elementos do teatro de tôdas as categorias e sem distinção de gêneros, posso afirmar que a solução dos principais problemas que afligem a cena nacional dependem exclusivamente do Governo, já que é inútil apelar para a colaboração dos que retêm nas mãos os meios de que tanto precisamos para a obra de recuperação da arte que glorificou João Caetano. É que lhes falta, a meu ver, compreensão de que teatro não é só expressão de cultura, por excelência, é também culto cívico dos povos.

Portador da confiança da classe teatral, desejo declarar neste ato solene que de acôrdo com os elevados objetivos culturais da esclarecida administração de V. Excia., procurei elaborar um plano de ação, no S. N. T., conjuntamente com as entidades representativas da classe, partindo de um ponto de vista que julgo de real e inestimável valia para a boa execução dos trabalhos: a harmonia e a unificação entre os que se sacrificam, lutam e vivem do teatro para o teatro.

Quero nesta posse, Senhor Ministro, reconhecer os louváveis esforços e a operosidade do meu antecessor, professor Thiers Martins Moreira, cuja gestão acompanhei de perto como auxiliar e amigo.

Rogo, Senhor Ministro, permissão para agradecer ao Governo na pessoa de V. Excia., a honrosa confiança com que me distinguiu. Tudo farei para continuar a merecê-la, pois representa ela o maior estímulo e o maior conforto para este seu fiel servidor."

O ato de transmissão do cargo efetuou-se na tarde do mesmo dia 28, presentes todo o funcionalismo do S. N. T., altas figuras do meio teatral, cultural e artístico do país. Ao recebê-lo das mãos do seu antecessor, o Sr. Aldo Calvet pronunciou o seguinte discurso:

«Professor Thiers Martins Moreira

Jamais pensei fôsse eu o seu substituto neste pôsto de sacrificio. A vida reservanos surpresas às vêzes desconcertantes. Esta, sem dúvida, foi uma com a qual — francamente — não contávamos. É verdade que havia na sua confiança bem significativa uma espécie de previsão. Devo lembrar como esclarecimento aos que aqui se encontram que foi V. Excia., com seu feitio todo de estímulo e simpatia cativante quem me deu as primeiras palavras sugestionadoras e confiantes, acreditando pudesse eu ocupar o cargo de diretor do Serviço Nacional de Teatro, certamente sem o brilho do seu formoso talento e sem o apuro de sua esmerada cultura, mas como servidor que se torna gato de casa... Recordo-me como se fôra hoje: gostaria imenso que você fôsse o meu substituto durante a minha permanência na Europa. Disse-me discretamente em tom muito simpático e pleno de sinceridade. E, acrescentou: falei a respeito com o Gilson. Mas, infelizmente, o Ministro não faz essa nomeação. Você bem sabe porque... Pois bem, senhores, tinha inteira razão o professor Thiers Martins Moreira. O então titular da pasta da Educação e Saúde, acostumado a subestimar os pobres e humildes funcionários desta casa, nunca chamaria para um lugar de sua confiança, logo quem? o menos ilustre dos servidores do seu Ministério, o gato doméstico sempre disposto a usar de tôdas as espécies de estratégias em defesa dos colegas, assim como "O gato de botas" de Perrault defendia o seu amo.

Dr. Thiers Martins Moreira.

Os nossos contactos iniciais, nesta casa, não foram muito cordiais. Só agora verifico que tudo isso aconteceu porque tinha-



Aldo Calvet quando pronunciava o seu discurso de posse



Dois aspectos da posse do novo diretor do Serviço Nacional do Teatro, Sr. Aldo Calvet, no gabinete do Ministro da Educação, Sr. Simões Filho

mos que ser grandes amigos no futuro. Creia que jamais esquecerei os bons instantes que convivemos na mais perfeita compreensão espiritual. Reconheço e proclamo que tudo que existe de bom nesta repartição, que, diga-se de passagem, continua a ser sua, deve-se tão só ao seu dinamismo, ao gosto apurado, ao seu esforço pessoal, ao seu prestígio de homem público, pois sei que Vossa Excelência não contou desgraçadamente com apoio mais decisivo do governo ou porque este não tivesse interesse pelo teatro ou porque fatores que desconheço não o permitiram. Deixando a direção do S. N. T., fique certo, aqui permanecerá no coração de todos porque assim o sentem e querem. De minha parte, ao receber o cargo, devo dizer que ainda espero merecer a colaboração do seu espírito lúcido, de sua experiência, do seu prestígio para poder levar avante a obra de restauração da cena nacional por V. Excia. posta em execução em continuidade e ascendência cada vez mais animadoras para proveito dos artistas e do teatro no Brasil.

Reciba nessas palmas que não de vir nossos votos de prosperidade pessoal e nosso reconhecimento de gratidão».

Dando início à sua administração, o novo diretor do S. N. T. nomeou o Sr. Jarbas Andréia para diretor do Curso Prático de Teatro e o técnico de educação Joaquim Ribeiro para diretor da revista «Dionysos». Ambos tomaram posse no dia 5 de março.

Saudando o novo diretor do C. P. T., o Sr. Aldo Calvet pronunciou o seguinte discurso:

Senhor Inspetor Jarbas Andréia
Minhas Senhoras
Meus Senhores

A boa ordem administrativa nos regimes altamente democráticos se caracteriza pela descentralização do poder. Quanto melhor dividida a soma de responsabilidades, maior o rendimento na execução dos trabalhos. Meus Senhores! Coloco à frente dos destinos desta Escola uma das figuras mais ilustres do quadro de funcionários do S. N. T. — o senhor Jarbas Andréia. Intellectual de intensa e extensa cultura, artista de rara sensibilidade, estudioso e curioso de tudo que se refere à arte, nas suas várias modalidades, o senhor Jarbas Andréia é, além do mais, um homem

de teatro, pois até mesmo a difícil e gloriosa realidade do palco experimentou numa das arrancadas que não de passar à história desse mestre inolvidável que é Renato Viana.

Integrado na vida teatral do país, o senhor Jarbas Andréia teve a honra de ser durante doze anos diretor intellectual e artistico da Companhia Procópia Ferreira, acompanhando a "pari passu" a carreira sempre ascendente do grande e inconfundível ator patricio. Ao lado de Dulcina de Moraes, Odilon Azevedo e Oduvaldo Viana, lá esteve, também, empregando o fulgor do seu talento e a capacidade dos seus esforços. Funcionário exemplar pela conduta moral e pela constância ao trabalho, nesta casa se encontra desde a fundação, sempre escravo dos seus deveres, numa demonstração indiscutível de elevado senso de responsabilidade diante da função pública.

O Curso Prático de Teatro tem como finalidade precípua a formação de profissionais para o palco, segundo a realidade do meio social em que vivemos. Confio-lhe, pois, senhor Jarbas Andréia, essa missão, convencido de que da sua inteligência e operosidade, dos seus fundamentais conhecimentos sobre a matéria, possamos ter no Brasil uma escola dramática que sirva para a formação de elementos para o palco».

Saudando o novo diretor de "Dionysos", o Sr. Aldo Calvet pronunciou o seguinte discurso:

Professor Joaquim Ribeiro
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Obediente ao meu ponto de vista no que concerne aos principios democraticos, aqui estou para dar posse ao professor Joaquim Ribeiro, no cargo de diretor da revista "Dionysos", órgão oficial desta repartição. Chamo a colaborar comigo nessa parte importantíssima do setor de divulgação cultural uma das personalidades marcantes da intellectualidade brasileira, a qual tenho a ventura de contar no quadro de funcionários desta casa, o professor Joaquim Ribeiro. Homem de vasta cultura, folk-lorista eminente, pedagogo ilustre e jornalista também de reconhecidos méritos, a atividade do professor Joaquim Ribeiro não se limitará a essa função, pois num gesto muito simpático e todo espontâneo desempenhará.

(Continua na pág. 109)